

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
DEPARTAMENTO DE LÍNGUA E LITERATURA VERNÁCULAS  
LETRAS - PORTUGUÊS E LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Heloísa Barbosa de Sousa

**Título:**

Castelo Rá-Tim-Bum: uma análise educativa.

Florianópolis

2022

Heloísa Barbosa de Sousa

**Título:**

Castelo Rá-Tim-Bum: uma análise educativa.

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Letras- Português e Literaturas de Língua Portuguesa do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharela em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa

Orientador(a): Profª Drª Tereza Virgínia de Almeida

Florianópolis

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Sousa, Heloisa Barbosa de  
Castelo Rá-Tim-Bum: uma análise educativa. / Heloisa  
Barbosa de Sousa ; orientador, Tereza Virginia de Almeida,  
2022.  
54 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -  
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de  
Comunicação e Expressão, Graduação em Letras Português,  
Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Letras Português. 2. Castelo Rá-Tim-Bum. 3. Educação.  
4. Letramento. 5. Televisão. I. Almeida, Tereza Virginia  
de. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação  
em Letras Português. III. Título.

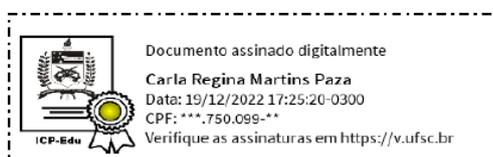
Heloísa Barbosa de Sousa

**Título:**

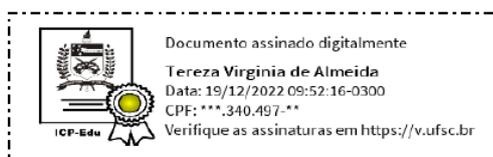
Castelo Rá-Tim-Bum: uma análise educativa.

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharela em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa e aprovado em sua forma final pelo Curso Letras - Português e Literaturas de Língua Portuguesa

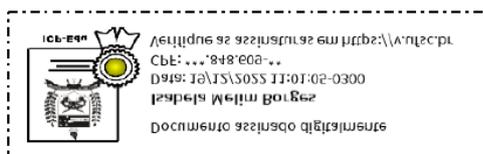
Florianópolis, 24 de novembro de 2022.



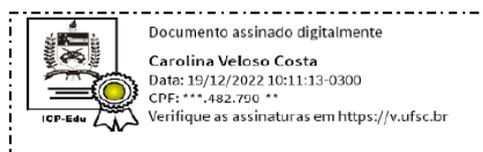
Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carla Regina Martins Paza  
Coordenação do Curso



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tereza Virgínia de Almeida  
Orientadora



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Isabela Melim Borges  
Instituição: UFSC



Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Carolina Veloso Costa  
Instituição: Departamento de Educação de Jovens Adultos e Idosos/ Prefeitura de Florianópolis.

Florianópolis, 2022.

Dedico este trabalho à minha avó, Maria Barbosa Lunaro (*in memoriam*),  
que foi minha primeira professora, mesmo sem saber que podia ensinar.

## AGRADECIMENTOS

Seria possível escrever a mesma quantidade de páginas que usei para este trabalho para agradecer a todas as pessoas que me ajudaram e foram importantes, não só durante a elaboração desse TCC, mas em toda a minha trajetória de vida e de graduação. Somos pedaços das pessoas que atravessam nossas vivências e é graças a elas que posso agora agradecer.

À minha orientadora, Tereza, que acolheu e incentivou a elaboração desse trabalho, que acreditou na minha história e acreditou em mim quando, muitas vezes, eu não acreditei. Obrigada por me mostrar que é sempre possível.

À minha namorada, Fran, que carinhosamente compreendeu meus dias ansiosos, melancólicos e me acolheu durante esse período. Sua paciência e apoio foram fundamentais para que eu conseguisse chegar até o final. Todo dia agradeço por ter você na minha vida. Te amo todo dia mais.

Bernar, Roberta e Pedro, que acreditaram em mim e no que eu tinha para falar, através desse trabalho, desde quando ele ainda estava só em pensamento. O que vocês representam na minha vida não cabe em alguns caracteres. Sou imensamente grata pela amizade de vocês e por vocês serem os melhores “madrinhos” do mundo.

À Moara, que topou me ajudar na revisão desse trabalho, e é a melhor pessoa, amiga e profissional incrível que eu pude conhecer. Tenho orgulho de ter sido sua veterana na graduação e de ter te acompanhado nesse processo até o dia da sua formatura. Que o mundo tenha a graça de ter mais pessoas como você.

Vic, Vini e Emy, Miriã e Milene, que me aguentaram todos os dias falando da dificuldade de escrever e de como eu achava que não ia dar certo. Todos os dias vocês me escutaram e me deram força. Eu não conseguiria sem vocês.

Às meninas da minha equipe de trabalho, que acompanharam os dias finais e corridos e que me deram todo apoio possível para que eu mantivesse o foco e não desistisse. Vocês são um presente para mim. Obrigada pelo apoio.

Por fim, outras tantas pessoas foram importantes para que eu conseguisse terminar o Bacharelado e que a página não me permitiu citar. Todas elas estão em cada pedacinho da minha história e desse trabalho. Minha gratidão a todas essas pessoas.

“Só somos porque estamos sendo. Estar sendo é a condição, entre nós,  
para ser.” (FREIRE, 1996, p. 16)

## RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo apresentar uma discussão sobre a relação do aprendizado escolar e o reconhecimento e o pertencimento do meio social através do programa de televisão *Castelo Rá-Tim-Bum*, transmitido pela TV Cultura entre os anos de 1994 e 1997. Além disso, o trabalho visa observar a forma como um programa de televisão é capaz de influenciar no letramento e na alfabetização, especificamente. Para isso, será apresentada uma cronologia pessoal da autora do trabalho, que servirá como base para exemplificar a literatura utilizada como referencial teórico. A relação material e leitura social apresentada na cronologia estará de acordo com os autores escolhidos e utilizados para endossar a argumentação. Durante o trabalho, será detalhada a estrutura do programa, seus personagens, quadros e narrativa, para que se entenda os motivos que fizeram o *Castelo Rá-Tim-Bum* ser tido como um programa educativo. Dessa maneira, a discussão apresentada busca entender e comprovar a importância, a relevância e o marco televisivo que foi o programa em questão.

**Palavras-chave:** Castelo Rá-Tim-Bum; Educação; Televisão.

## ABSTRACT

This final paper, Term paper of undergraduate thesis aims to present a discussion about the relationship between school-based learning, formal primary education, an apprenticeship and the recognition and belonging of one's social environment through the television program *Castelo Rá-Tim-Bum*, broadcasted by TV Cultura from 1994 to 1997. In addition, the work aims to observe how a television program is able to influence language development and literacy skills, specifically. To this end, a personal chronology of the work's author will be presented, which will serve as a basis to exemplify the literature used as a theoretical reference. The material relationship and social reading presented in the chronology will be in accordance with the authors chosen and used to endorse the arguments. During the work, the structure of the program, its characters, frames and narrative will be detailed, in order to understand the reasons that made *Castelo Rá-Tim-Bum* be considered an educational program. In this way, the discussion presented seeks to understand and prove the importance, relevance and television framework that was the program in question.

**Keywords:** Castelo Rá-Tim-Bum; Education; Television.

## LISTA DE QUADROS

<i>QUADRO 1 – LISTA DE EPISÓDIOS</i> .....	<b>44</b>
<i>Quadro 2 – Lista de personagens principais e moradores do Castelo</i> .....	<b>45</b>
<i>Quadro 3 - Ficha técnica dos quadros pedagógicos</i> .....	<b>51</b>

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

FHC - Fernando Henrique Cardoso

FIESP - Federação das Indústrias do Estado de São Paulo

SENAI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SESI - Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>13</b>
<b>2 O CASTELO RÁ-TIM-BUM</b> .....	<b>15</b>
2.1 ESTRUTURA E EPISÓDIOS .....	18
2.2 ENREDO, PERSONAGENS E QUADROS .....	19
<b>3 “TCHAU NÃO, ATÉ AMANHÃ!”</b> .....	<b>22</b>
<b>4 “KLIFT KLOFT STILL, A PORTA SE ABRIU!”</b> .....	<b>37</b>
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	<b>40</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>42</b>
<b>APÊNDICE</b> .....	<b>44</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Durante toda a graduação, me perguntei sobre o que escreveria quando chegasse a hora de fazer meu TCC. Muitas coisas me passaram pela cabeça, muitas inquietações e muitas curiosidades também. A verdade é que a insegurança sempre me acompanhou em tudo que realizei durante a vida e, conseqüentemente, durante a graduação. Muitas sessões de terapia foram necessárias para que eu enxergasse meu lugar no mundo e pudesse estar aqui, agora, escrevendo este Trabalho de Conclusão de Curso.

Foi durante a graduação, através das muitas disciplinas que fiz durante os cinco anos de curso, que decidi falar sobre o *Castelo Rá-Tim-Bum* e a importância que ele teve na minha formação. Nunca entendi ao certo minha relação com o programa *Castelo Rá-Tim-Bum* e o porquê de ele ser tão importante para mim até iniciar a graduação. É possível que isso tenha acontecido porque acredito que muito do que nos tornamos na vida adulta seja um espelho daquilo que vivenciamos, aprendemos e guardamos na mente durante a infância.

Confesso que resisti a trabalhar com esse tema com medo de transformar algo que sempre foi tão pessoal e tão querido para mim, em algo que me pressionasse e me fizesse perder o encanto. Entendo, agora, que o processo pôde ser mais simples e tranquilo do que parece e que me traria muito arrependimento se não fizesse desse trabalho de conclusão de curso uma forma de agradecer e reconhecer o que, também, me fez o que sou hoje.

Escrevo sobre o *Castelo Rá-Tim-Bum* para resgatar a minha história, para entender e reconhecer o meu lugar no mundo, para unir o que na infância era meu momento de lazer com a profissão que escolhi para a minha vida: ser professora. Pode parecer uma relação distante, mas há muito mais relação entre o *Castelo Rá-Tim-Bum* e a educação do que nós podemos imaginar. E agora eu entendo isso.

Eu queria encontrar na vida real a magia que eu via no *Castelo*, que tanto me encantava. E ao me tornar professora, descobri não apenas que o ensinar é mágico, mas que o aprender também é. Este TCC é sobre a magia de aprender, é sobre não deixar os sonhos da infância morrerem, é sobre lutar e acreditar em um mundo melhor, é sobre afeto e amor.

Proponho-me, a partir de agora, a relatar minha história com o *Castelo Rá-Tim-Bum*, minhas vivências, minhas experiências, desde a infância até o presente

momento, de forma cronológica, não só para que se entenda o motivo da escolha do tema, mas também para registrar, principalmente para mim mesma, que tudo é possível, desde que feito com o coração.

Para que a discussão seja calcada em bibliografias relevantes ao tema, utilizarei da voz de alguns autores, como Paulo Freire, Magda Soares e Anatol Rosenfeld para apoiar essa cronologia que relato e para utilizar a minha experiência como exemplo do que é apresentado na teoria. Além desses autores, dois trabalhos que abordam o tema serão pertinentes para enriquecer a discussão: *Castelo Rá-Tim-Bum: o educativo como entretenimento*, de Vânia Lúcia Quintão Carneiro e *Raios e Trovões: a história do fenômeno Castelo Rá-Tim-Bum*, de Bruno Capelas.

A teoria dos autores em questão se torna importante para ajudar a responder a questão central desse trabalho: o questionamento de ter sido possível que o *Castelo Rá-Tim-Bum*, como programa de televisão, influenciasse meu desenvolvimento escolar, seja no âmbito do letramento e da alfabetização ou no reconhecimento de uma classe social, para ter ciência de meu pertencimento a ela.

Com o objetivo de buscar esse entendimento, justifico que o desenvolvimento desse trabalho - calcado em minha própria trajetória - se deu por conta das vivências pessoais e acadêmicas que pude experienciar durante o período da graduação, que me permitiram enxergar um cruzamento entre o fenômeno do *Castelo Rá-Tim-Bum* e o que pude absorver dos estudos sobre educação, aprendizado escolar e desenvolvimento cultural e social.

Escrevo esse trabalho na primeira pessoa do singular para fazer a cronologia da minha experiência com o *Castelo Rá-Tim-Bum*, para marcar meu espaço como sujeito atravessado pelas maneiras singulares e diferentes que a educação pode estabelecer nas nossas vivências. Para o referencial teórico e apresentação das discussões dos autores utilizados no trabalho, será utilizada a terceira pessoa do singular.

## 2 O CASTELO RÁ-TIM-BUM

Idealizado no ano de 1993, o *Castelo Rá-Tim-Bum* foi ao ar em 9 de maio de 1994, e lá permaneceu até o ano de 1997, coincidentemente o ano em que eu nasci. Foi, até então, o projeto mais caro da TV Cultura e suas gravações foram encerradas justamente por este motivo. A repórter Sônia Apolinário, em publicação no *Jornal O Globo*, no ano de 1993, aponta que o orçamento inicial do projeto era de US \$1,2 milhão, cerca de 16 bilhões de cruzeiros, moeda da época. Se convertido para o Real hoje, o valor seria de quase 6 milhões de reais.

Para entender um pouco mais deste momento na história, é importante destacar que o Brasil passava por uma crise política e financeira muito grande, que passou pelo *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor de Mello, em 1992, seguido da posse de Itamar Franco, para cumprir o restante do mandato até o ano de 1995. Nesse período, o país sofria com uma alta inflação por conta do “Plano Real” e do confisco do dinheiro da população, ainda no governo Collor, conhecidos como “Plano Collor”.

Já em 1994, com a vitória de Fernando Henrique Cardoso nas eleições presidenciais, o cenário político tomou outro rumo. Embora o governo dele defendesse a democracia brasileira, em termos, pois fez regulações, à mídia e aos meios de comunicação, por exemplo, seu governo foi o mais privatista da história do país, com políticas ligadas ao liberalismo. É o que Capelas (2019, p. 193-4) diz:

Pode parecer paradoxal, mas começa aí a explicação: enquanto Fernando Henrique Cardoso assumiu a presidência, munido de uma política neoliberal que pregava a responsabilidade fiscal, seu colega de partido Mário Covas passou a comandar o estado de São Paulo. O corte no orçamento da TV Cultura, logo no início da gestão de Covas, em 1995, foi um grande abalo para uma emissora que dependia muito dos repasses vindos dos cofres públicos.

Um dos setores que sofreu com as tentativas de privatização no governo FHC foi a educação, em especial as Universidades Públicas. Em relação a mídias e meios de comunicação, o final dos anos 90 embarcou em uma revolução tecnológica, o que possibilitou que cada vez mais casas tivessem televisões, e o advento da internet em grande parte do mundo. Por conta disso, as emissoras de televisão começaram a garantir espaço no cotidiano da população, precisando, assim, revolucionar os programas oferecidos em horário nobre.

Esse contexto torna-se necessário por conta das motivações que deram vida ao *Castelo Rá-Tim-Bum*. A intenção do programa era ensinar e divertir, com um público-alvo destinado à faixa etária de crianças da pré-escola até os 10 anos. A ideia do programa não era substituir a escola, mas diminuir os impactos que a falta da escola causava no desenvolvimento das crianças à época, em busca de ajudar a melhorar o aprendizado através de razão e cognição.

Em entrevista ao Jornal o Globo, o diretor-geral Cao Hamburger diz que “A história tem uma preocupação pedagógica, mas é divertido. A criança aprende sem perceber que está sendo ensinada”. É visto que o *Castelo Rá-Tim-Bum* não foi o único e nem o primeiro programa que teve um cunho educacional produzido pela TV Cultura, mas, com certeza, foi o que deu mais certo, devido ao sucesso do programa com as crianças e até mesmo com os mais jovens e os maiores números de audiência que a TV Cultura teve com um programa infantil.

Antes mesmo de se pensar no projeto do programa, a busca por uma programação televisiva educativa permeava as grandes empresas de telecomunicação, não só no Brasil. A ideia, de fato, nunca foi substituir as escolas e professores ou o ensino presencial. O que se pensava para uma televisão educativa era permitir que a indústria cultural, por meio da televisão, complementasse o aprendizado e o desenvolvimento das crianças que acompanhariam os programas voltados para o ensino.

Para que a programação com fins educativos não se tornasse um objeto comercial, foi decretado, através da lei nº 236 de 28 de fevereiro de 1967 — arts. 13 a 18, que era proibido qualquer tipo de propaganda com fins lucrativos durante a programação:

Art. 13. A televisão educativa se destinará à divulgação de programas educacionais, mediante a transmissão de aulas, conferências, palestras e debates. Parágrafo único. A televisão educativa não tem caráter comercial, sendo vedada a transmissão de qualquer propaganda, direta ou indiretamente, bem como o patrocínio dos programas transmitidos, mesmo que nenhuma propaganda seja feita através dos mesmos. (FARIA, 1967, p. 51).

Calcado nessas diretrizes, o projeto do *Castelo Rá-Tim-Bum* foi elaborado para que crianças de diferentes faixas etárias pudessem aprender e se divertir em um curto espaço de tempo. Além dos diretores e produtores, o programa foi elaborado com a

ajuda de uma equipe pedagógica que estabelecia as áreas de conhecimento e os objetivos pedagógicos:

“O programa foi planejado para mostrar que as crianças podem aprender diversos temas, muitos deles relacionados ao chamado mundo infantil e outros dos quais elas freqüentemente são afastadas, como arte, música, história e ciências”, diz Zélia Cavalcanti, responsável pelas diretrizes pedagógicas do programa. (TV-Pesquisa – Documento número: 25057 apud SANCHES, 1994).

Além de Zélia, a coordenadora pedagógica do programa Célia Marques, também em entrevista, fala sobre o objetivo do programa:

“Como declarou a coordenadora pedagógica Célia Marques, não se tratava de resolver o problema da falta de pré-escola, “mas vai tentar minimizar esta carência através de temas desenvolvidos em vários quadros, mostrando à criança algumas noções importantes para o seu melhor aprendizado” (CARNEIRO, 1999, p. 89, apud Folha da Tarde, São Paulo, 1989).

Inspirado no programa norte-americano *Sesame Street* - com versão brasileira chamada Vila Sésamo, produzida pela TV Cultura -, que também tinha como foco a democratização da educação através de programas educativos, o *Castelo Rá-Tim-Bum* surgiu depois do acúmulo de conhecimentos que a TV Cultura desenvolveu ao longo de sua história, durante a criação de outros programas educativos como: *Catavento* (1985), *Bambalão* (1977 a 1990), *Rá-Tim-Bum* (1990 a 1994) - que não é o mesmo que *Castelo Rá-Tim-Bum* - e *Mundo da Lua* (1991 a 1992). É o que diz Roberto Muylaert, na época presidente da Fundação Padre Anchieta, responsável por administrar a TV Cultura:

Castelo Rá-Tim-Bum, na verdade, é a soma dos conhecimentos da TV Cultura desde a sua fundação; Nós estamos com 25 anos. A gente fez Vila Sésamo, Catavento, Bambalão, o próprio Rá-Tim-Bum e o Mundo da Lua. Na verdade, se você olhar bem a tecnologia de criação desse programa, vai perceber que ele é o Rá-Tim-Bum mais o Mundo da Lua. Tem uma história central, uma ficção que puxa o resto. E tudo que está aí foi feito dentro da TV Cultura, sem exceção, não tem nenhum fornecedor externo - não que a gente não quisesse, é que não existe. (MUYLAERT, 1995, p. 78 apud CARNEIRO, 1999, p. 81).

Embora o projeto do *Castelo Rá-Tim-Bum* fosse financiado também por iniciativas privadas como FIESP, SESI e SENAI, parte do orçamento era direcionado do Governo do Estado de São Paulo. Por conta dos cortes orçamentários ocorridos após a posse de Fernando Henrique Cardoso, de presidência da república, que quase

levaram a emissora à falência, o projeto foi encerrado no ano de 1997 por falta de dinheiro.

## 2.1 ESTRUTURA E EPISÓDIOS

Como já descrito na seção anterior, o programa foi produzido entre os anos de 1994 e 1997 pelos diretores Flávio de Souza e Cao Hamburger e foi transmitido pela emissora de televisão TV Cultura. Foram ao ar 90 episódios e um especial de natal e foi a maior audiência que a TV Cultura teve com programas educativos, mesmo em reprises dos episódios. Além de transmissão no Brasil, o programa foi transmitido em outros 23 países. No Quadro 1, disponível no *Apêndice*, é apresentada a listagem dos episódios e seus respectivos nomes.

Alguns dados devem ser destacados em relação ao cenário e às gravações, como o fato de o cenário ter sido construído em 360º graus, o que permitia uma integralização entre todos os ambientes do *Castelo*. Foram utilizados 800 figurinos diferentes para as gravações, 250 pessoas trabalharam na produção e a biblioteca do *Castelo* possuía 6 mil livros.<sup>1</sup>

Cada episódio tinha por volta de 30 minutos de duração, envolvia os personagens principais e os quadros pedagógicos, que variavam de acordo com cada episódio. Todos eles possuíam começo, meio e fim, o que indicava que havia sempre uma história nova a ser contada.

Os personagens são divididos entre o enredo principal, os visitantes, e os quadros pedagógicos. De acordo com Carneiro (1999), o que se percebe nos episódios é que os quadros pedagógicos cumprem com a função cognitiva “sem desprezar o lúdico”, enquanto o fio narrativo faz o papel dos aspectos emocionais e sociais do processo de desenvolvimento da criança (p. 104).

Na trama principal, os personagens e os visitantes são responsáveis pelo tema central do episódio. Através deles, os aspectos emocionais e sociais do ser humano são representados. Segundo Rosenfeld (2014, p. 45), “como seres humanos encontram-se integrados num denso tecido de valores de ordem cognoscitiva, religiosa, moral, político-social e tomam determinadas atitudes em face desses valores”. Dessa forma, os personagens são os sujeitos responsáveis por despertar

---

<sup>1</sup> Redação TV Cultura, maio de 2016

nas crianças o entendimento e o reconhecimento social através dos diferentes temas abordados nos capítulos, fazendo com que o telespectador receba constantemente informações e conhecimentos novos.

Ainda sobre o papel da personagem de Rosenfeld:

Assim, o leitor contempla e ao mesmo tempo vive as possibilidades humanas que a sua vida pessoal dificilmente lhe permite viver e contemplar, visto o desenvolvimento individual se caracterizar pela crescente redução de possibilidades. [...] É precisamente a ficção que possibilita viver e contemplar tais possibilidades, graças ao modo de ser irreal de suas camadas profundas, graças aos quase-juízos que fingem referir-se a realidades sem realmente se referirem a seres reais; e graças ao modo de aparecer concreto e quase-sensível deste mundo imaginário das camadas exteriores. (ROSENFELD, 2014, p.46).

Embora a estrutura e todo o cenário do *Castelo* apresentassem um universo fantasioso através de seus personagens, como a cobra Celeste, que mora em uma árvore e fala, as Fadas que moram no lustre do *Castelo* ou até mesmo a Morgana, que é uma feiticeira, a interação com as crianças que começam a frequentar o *Castelo* faz com que os telespectadores, de alguma maneira, se sentissem confortáveis, quase tomando por verossímil o que é apresentado em cada episódio, porque as personagens lidam com todas as novidades e com tudo que é desconhecido com muita naturalidade. O fato de o *Castelo* estar inserido no meio de uma grande cidade, muito diferente do que é retratado nos contos de fada - em que castelos são retratados em uma natureza distante - ajuda a trazer toda a narrativa para a realidade das crianças.

## 2.2 ENREDO, PERSONAGENS E QUADROS

O enredo principal do programa gira em torno do personagem Nino, um aprendiz de bruxo que tem 300 anos e mora no *Castelo* com seu tio, o Dr. Victor, um inventor e bruxo de 3000 anos, e sua tia Morgana, uma feiticeira de 5999 anos. Por conta da idade, Nino não consegue frequentar escolas tradicionais, como é mostrado logo no primeiro episódio. Por conta disso, ele não possui amigos e não consegue socializar com outras pessoas além dos moradores do *Castelo*.

Ao longo dos episódios, os moradores são apresentados e todos eles possuem alguma função de ensinamento e de resolução de conflitos em cada episódio. A exemplo disso, pode-se destacar alguns personagens, como o Porteiro, que através de enigmas libera a entrada das pessoas no *Castelo*; o Relógio, que está sempre

situando os personagens no espaço-tempo e anunciando, pontualmente, as horas, os quadros do programa e a chegada do Dr. Victor; o João de Barro e as Patativas, que moram no *Castelo* e a cada novo episódio mostram um instrumento musical diferente; o Ratinho, que anda pelos cômodos e ensina as crianças a escovarem os dentes, a tomarem banho e a reciclarem o lixo; o Telekid, que aparece toda vez que o personagem Zequinha começa a perguntar o porquê das coisas e ninguém responde a ele e seu bordão é sempre “Porque sim não é resposta”; o Tíbio e o Perônio, que são os cientistas do *Castelo* e tiram dúvidas sobre ciência; e o Gato Pintado, que é o personagem mais inteligente do *Castelo* e administra a biblioteca e sempre procura ajudar as crianças através dos livros.

O enredo é construído através da amizade de Nino com Pedro, Biba e Zequinha, quando o Nino enfeitiça a bola de Zequinha e faz com que eles cheguem até o *Castelo*. Essa cena acontece quando Nino está espionando as crianças saírem da escola e reclama porque não pode frequentar uma escola também. A maneira que ele encontra de fazer amigos é usar um feitiço que seu tio Victor ensinou, fazendo com que as crianças cheguem no *Castelo* logo no início do primeiro episódio. Embora cada episódio tenha um tema diferente, é possível enxergar uma construção dos personagens que perpassa o decorrer de todos os episódios, através da amizade das crianças e das descobertas que elas fazem juntos.

Há um conflito principal que aparece em quase todos os episódios quando o personagem Dr. Abobrinha aparece. Ele tenta de todas as formas comprar o *Castelo* para transformá-lo em um shopping de 100 andares. E para isso, ele se disfarça e tenta enganar as crianças e os moradores do *Castelo*, mas sempre em vão. A cada vez que aparece, ele se disfarça para tentar enganar as crianças se passando até por um professor que nada sabe ensinar. No fundo, o Dr. Abobrinha também fica encantado pelo *Castelo*, mas a ganância faz com que ele não desista de conseguir o que quer.

Os assuntos principais dos episódios abordam temas de construção social, ensino-aprendizagem, valores e resolução de conflitos. Dentre os muitos tópicos abordados, podem-se citar: interação social, preconceito, aceitação, amizade, respeito, ciências, educação e cultura. Em cada episódio um tema é abordado e esse tema é apresentado tanto pela trama que envolve os personagens principais, os moradores do *Castelo* e os visitantes, quanto pelos quadros que aparecem ao longo

de cada episódio. A lista de personagens principais e moradores do *Castelo*, atores e atrizes que os interpretaram e suas funções é apresentada no Quadro 2, no *Apêndice*.

Além dos personagens principais e moradores do *Castelo*, muitos são os personagens visitantes que aparecem ao longo dos noventa episódios. Mas alguns se destacam por aparecer mais vezes e pela relação que constroem com as crianças. Começando pelo Bongô, interpretado pelo ator Eduardo Silva, um entregador de pizza que geralmente aparecia quando as crianças diziam estar com fome. Era muito amigo das crianças e um grande apaixonado pela música e pela dança. O único problema era que ele morria de medo da Morgana, mesmo ela não sendo uma feiticeira má.

Etevaldo, interpretado pelo ator Wagner Bello, era um extraterrestre e amigo do Dr. Victor. Ele acaba se tornando amigo das crianças e participando de todas as aventuras dentro do *Castelo*. Ele aparece pela primeira vez logo nos primeiros episódios e assusta as crianças, por ser uma criatura muito diferente. Uma curiosidade sobre esse personagem é que Wagner Bello faleceu antes de gravar o último episódio do personagem. Em homenagem ao ator, a atriz Siomara Schröder apareceu neste último episódio como Etcetera levando uma carta de Etevaldo dizendo que não podia ir ao *Castelo* naquele dia porque “estava brincando nas estrelas”.

Outra personagem visitante que apareceu em muitos episódios é a Caipora, interpretada pela atriz Patrícia Gasppar. A Caipora é uma personagem do folclore brasileiro que aparecia, na série, sempre que alguém assobiava. Um pouco inconveniente, sempre comia tudo que via pela frente. Ensinava para as crianças as lendas da mata e para que ela fosse embora, era preciso acertar as charadas que ela inventava, mas que ela mesma dava a resposta.

A personagem Penélope, interpretada pela atriz Ângela Dippe, era uma repórter conhecida e sua marca era definida pelas roupas e cabelos cor de rosa. O Nino era apaixonado por ela, mas nunca teve coragem de falar. Ao se casar com Ulisses e ter uma filha, ela deu à filha o nome de Nina, em homenagem ao Nino.

Por fim, e não menos importante, o grande vilão da história, Dr. Abobrinha, interpretado pelo ator Pascoal da Conceição. Já mencionado antes, era um corretor de imóveis que queria destruir o *Castelo* para construir um prédio de cem andares. Seu nome era Dr. Pompeu Pompílio Pomposo, mas foi apelidado de Dr. Abobrinha por sempre se disfarçar para conseguir o que queria, em referência à quando se diz “Fulano só fala abobrinha!”

Para finalizar essa seção, é importante dar destaque aos quadros pedagógicos que faziam parte dos episódios. Todos eles possuíam um tema relevante para o desenvolvimento das crianças, seja de âmbito social ou escolar e faziam com que as crianças não apenas aprendessem, como também pusessem em prática os conhecimentos adquiridos.

Os quadros apareciam conforme o propósito do episódio e tinham relação direta com o assunto da vez. A exemplo, o quadro “Telekid” sempre ia ao ar quando o Zequinha não tinha suas dúvidas explicadas pelas demais crianças. Quando eles tinham dúvidas a respeito de temas que envolviam a ciência, por exemplo, os irmãos Tibio e Perônio entravam em cena para explaná-las.

Esses quadros eram apresentados tanto por moradores do *Castelo*, pelos personagens visitantes, quanto por quadros externos ao programa, por exemplo, quando o clipe da música “Lava Uma Mão”, do cantor e compositor Arnaldo Antunes, surge para lembrar as crianças de lavarem sempre as mãos. No Quadro 3 é possível verificar a ficha técnica dos principais quadros apresentados no programa.

É fato que muitos profissionais foram envolvidos para que o projeto do *Castelo Rá-Tim-Bum* tomasse vida, como se pode perceber na relação de dados dos Quadros 1, 2 e 3, que apresentam diversas pessoas por trás dos quadros, das personagens e do programa em si. Seriam necessárias muitas páginas mais para dar conta de todos os personagens e profissionais que trabalharam nesse projeto. Os dados apresentados foram escolhidos para que se conheça o universo do programa e o tamanho da produção.

O valor exacerbado da produção se justifica pela grandiosidade do projeto que foi brilhantemente executado por essa grande quantidade de pessoas. Além do programa, o *Castelo Rá-Tim-Bum* deu origem a obras derivadas, como livros, filmes, peças teatrais, exposições, trilhas sonoras, artigos de decoração e coleção. Não há como negar que, de fato, o programa foi um marco televisivo e faz parte da história de uma geração inteira.

### **3 “TCHAU NÃO, ATÉ AMANHÃ!”**

Nasci no interior de São Paulo, em uma cidade chamada Jundiaí e cresci na cidade vizinha, Franco da Rocha. Até os oito anos morei com minha avó, minha irmã mais nova e meu tio. Meus pais se separaram quando eu era muito nova e não lembro

exatamente quando isso aconteceu. O processo da separação dos meus pais me trouxe alguns traumas que me acompanharam até a vida adulta.

Mesmo que minha avó nunca tenha faltado com o amor que eu precisava, e que tenha cumprido muito bem o papel de mãe, o fato de nem meu pai e nem minha mãe terem ficado comigo e com minha irmã fazia com que eu me sentisse abandonada. Independentemente dos motivos que fizeram com que eles seguissem a vida, no meu coração, eles precisavam estar com a gente. A maturidade me ensinou que, às vezes, as coisas não funcionam da maneira como queremos e tudo bem ser assim, mas enquanto criança, não havia esse entendimento.

Embora eu morasse com a minha avó materna, também cresci, em partes, na casa da minha avó paterna, que ficava no mesmo bairro. A família do meu pai sempre foi muito maior do que a família da minha mãe. Nossa casa era muito simples e minha avó nos sustentava com as costuras que ela fazia e com o bar que ela tinha na frente da nossa casa, que mais dava prejuízo do que lucro. Acho que ela mantinha o bar aberto pelo prazer de conversar, coisa que fazia muito bem, porque não tinha uma só pessoa que não a conhecesse no bairro.

O que nos sustentava mesmo era seu trabalho com as costuras. Lembro de ver minha avó passar madrugadas costurando e bordando vestidos de noiva. Não sei quanto ela ganhava, mas tenho certeza de que não era o suficiente. Ela nunca deixou faltar nada a nós, mas não posso dizer que pra ela não tenha faltado. Algo que marcou a minha infância de forma significativa, e que me emociona toda vez que me lembro, foi o dia em que ela cozinhou uma sopa de legumes e um pirão d'água para a gente jantar, dizendo que já era tarde e que ela estava com preguiça de cozinhar. Algo nos olhos da minha avó estava diferente naquele dia. A verdade é que a gente não tinha mesmo o que comer. O pirão d'água tem gosto de resistência e de saudades da minha avó.

Neta de costureira, raríssimas vezes comprei roupas. Tinha roupas exclusivas feitas pela minha avó e até "me achava" por isso. Quando cresci, descobri que as roupas que ela fazia para nós eram dos restos de tecido que sobravam das costuras que ela produzia. Ela costurava roupas para a gente mesmo depois de estarmos grandes e era incrível vê-la montar cada peça, do tamanho exato, sem precisar tirar uma medida sequer.

Nós não tínhamos televisão em casa e quando queríamos assistir a alguma coisa, principalmente a novela das nove horas, de que minha avó tanto gostava, a

gente ia na vizinha. Foi assim por um longo tempo. Na casa da minha avó paterna tinha televisão, mas era restrita. Meu avô, evangélico e muito tradicional, só ligava a TV para assistir aos jornais. Quando acabava, desligava a TV, colocava o controle no bolso e saía. Dizia ele que os programas eram feitos pela Xuxa e a apresentadora era “do demônio”. Às vezes acontecia de ele esquecer o controle na sala enquanto dormia. Era o momento perfeito para assistir desenhos.

Não tinha muita opção para mim, criança, no meio de tanta gente mais velha e primos adolescentes. Me tornei uma criança introspectiva, de “gênio difícil”, como dizia a maioria das pessoas. Gostava de brincar na rua com as amigas de infância, mas, na maioria das vezes, preferia ficar no meu canto inventando histórias e narrativas que existiam apenas na minha cabeça.

Me sentia um peso, reprimida e julgada por todo mundo. Naquela época, obviamente, eu não sabia categorizar e nem explicar o que sentia. Falo de um ponto de vista de onde consigo analisar o que se passou. Embora eu sempre tenha sido uma pessoa expansiva e sem muita dificuldade de me comunicar, parecia que ninguém compreendia o meu jeito. Entre mim e minha irmã, eu sempre fui a mais barulhenta, a mais brigona, a que fazia mais arte. Ela, a mais doce, mais carinhosa, mais manhosa. Sempre desconfiei que a minha irmã era a preferida, mesmo porque na época nós éramos as netas mais novas, que comumente recebiam mais atenção.

Conforme eu crescia, crescia dentro de mim uma curiosidade sem tamanho. Queria saber de tudo, sobretudo, o porquê de tudo, como as coisas eram feitas. Aquela famosa fase dos porquês. Mexia em tudo, queria descobrir o mundo, parecia que nada era o suficiente e que nenhuma resposta esgotava minhas perguntas. Dizia minha avó que eu ia no portão de casa e pedia para as pessoas de fora abrirem o portão para eu sair e em troca eu contaria até dez em inglês.

Me peguei um dia, sentada no sofá da sala da minha avó paterna, analisando a estante da sala. Se fecho os olhos, consigo recordar de detalhes. Uma estante alta, cheia de fotos dos filhos e netos - que no caso eram muitos filhos e muitos netos -, uma televisão de tubo preta, um aparelho dos canais de televisão, um aparelho VHS e várias fitas de vídeo.

Nessa época, eu ainda não sabia ler. E para entender sobre do que se tratavam as coisas, tentava adivinhar pelas imagens que conseguia identificar. Tinham muitas fitas e ficava me perguntando sobre o que eram. Então, ficava transitando entre a casa em que eu morava e a casa da outra avó. Não havia vagas na pré-escola para mim.

Lembro de perguntar para minha avó várias vezes quando eu iria para a escola. A resposta era sempre a mesma: no próximo ano. O próximo ano nunca chegava. Eu já me sentia pronta para aprender a ler e escrever. Queria aprender logo, queria entender tudo o que não me explicavam, queria saber as respostas das perguntas que eu fazia e ninguém sabia responder. Queria fazer novos amigos e ter uma professora. Via as crianças que iam para a escola como gente grande. Queria ser uma delas.

Eu tinha pouco contato com crianças, quase não brincava com ninguém e isso era tedioso, era chato e na maioria das vezes ficava irritada. Minha irmã mais nova sempre pareceu muito mais nova, mesmo que a nossa diferença de idade seja somente de um ano, seis meses e dois dias. Os meus primos, por parte de pai, eram muito mais velhos do que eu. O pouco contato que eu tinha com outras crianças era com a minha melhor amiga da infância, quando nossas avós se encontravam para conversar. Nossas avós eram melhores amigas e assim nos tornamos melhores amigas também.

A minha curiosidade sem freio me rendeu bons puxões de orelha e muitos sermões. Não entendia nada daquilo, das brigas, do porquê brigavam comigo, do porquê de não me explicarem as coisas. Talvez fosse mesmo geniosa por não querer ser tratada como criança, embora eu fosse. Não gostava de ser questionada pelo meu jeito durão e fechado, e apesar desse jeito queria fazer tudo ao mesmo tempo. Daí surgiu o apelido “pimentinha”.

Foi num dia de muita chuva, em que não tinha como brincar na rua, e eu estava na casa da minha avó paterna, que resolvi perguntar para uma prima o que eram todas aquelas fitas na estante. Umas eram de pregações da igreja dos meus avós, outras eram de casamento, algumas ela não sabia do que eram. E tinham as fitas amarelas, que mais me chamaram a atenção. Eram as fitas do *Castelo Rá-Tim-Bum*, em sequência, uma do ladinho da outra. Perguntei se podia assistir e ela colocou no aparelho. Foi aí que a mágica aconteceu.

De imediato, um calafrio sem explicação tomou conta do meu corpo. A música de abertura me despertou medo. Era uma sensação estranha de não estar entendendo nada e ao mesmo tempo não conseguir tirar os olhos da tela. A abertura é uma linda harmonia de instrumentos, como em uma orquestra, com um arranjo cheio de suspense, com as vozes falando “castelo” repetidamente. Acho que por isso não consegui tirar os olhos da tela.

O *Castelo* ia se construindo aos poucos na medida em que a música chegava ao ápice, com um boneco desconhecido, que mais parecia um rato de outro planeta, esticando a bandeira do *Castelo até o topo*. Na minha cabeça de criança, tudo aquilo era muito diferente e muito tecnológico. Era como se a magia dos contos de fadas estivesse bem ali, ao alcance dos meus olhos. Se não existisse mais nada além da abertura, já seria o suficiente para mim.

Todos os episódios foram marcantes para mim. Assisti a todos, sendo 90 episódios e um especial de natal. Assisti novamente aos episódios depois de mais velha, mas confesso que não lembro de todos com tantos detalhes. Porém, alguns episódios me marcaram de maneira singular. Darei destaque para esses episódios, pois eles me ajudam a entender toda a relação do *Castelo Rá-Tim-Bum* com a minha vida e meu contexto social.

É fascinante pensar que naquela época, mesmo tão criança, eu conseguia relacionar situações tão complexas com a minha vida, mesmo que eu não tivesse consciência disso. Logo no primeiro episódio, “Tchau não, até amanhã”, a imponência do *Castelo* me fez refletir sobre o espaço à minha volta.

A casa em que eu morava nada era parecida com um castelo, muito pelo contrário -em mesmo a casa dos meus avós paternos, que era muito maior do que a casa em que eu morava. O bairro também não parecia ser digno de um castelo, com seus morros e casas empilhadas. Todos os detalhes que vi na TV eram muito diferentes dos que eu estava acostumada a ver e isso me fez pensar que, talvez, tudo aquilo só existisse no mundo do *Castelo* e que jamais me depararia com algo tão grandioso e lindo na vida real.

No início do primeiro episódio, me deparei com uma situação muito parecida com algo que eu estava vivendo: a falta de escola. Duas pessoas adultas conversavam sobre um tal de Nino estar triste por não ter amigos e por não estar na escola. Diziam que já havia tentado anos após anos, mas nunca dava certo. Isso me fez lembrar da minha avó. Será que ela também estava tentando há muitos anos me colocar na escola?

Descobri que o Nino não ia para a escola porque tinha 300 anos e ninguém queria aceitar um menino de 300 anos em uma escola comum. Como uma criança poderia ter essa idade? Eu que tinha 5 ou 6 anos me perguntava se levaria todo esse tempo pra eu entrar na escola. Pobre do Nino. Pobre de mim também.

Descobri que o Nino não era só uma criança comum com 300 anos. Ele era um aprendiz de bruxo que estava aprendendo a inventar. E aqueles dois adultos, do início do episódio, eram seus tios, Morgana e Dr. Victor. Ela era uma bruxa de quase 6000 anos, que conhecia tudo, sobre o mundo todo. Ele era um inventor de 3000 anos, que criava infinitas engenhocas e ensinava muitas delas ao Nino.

Para ter amigos, o menino Nino usou de um dos truques que seu tio Victor o havia ensinado: enfeitiçou a bola de uma das crianças que estava saindo da escola e fez com que Biba, Pedro e Zequinha fossem até o *Castelo* para resgatar a bola enfeitiçada. A partir daí, começa uma linda história de amizade entre Nino e essas crianças. Minha cabeça mirabolante pensava: será que se eu fizer algum feitiço, consigo fazer novos amigos?

No trajeto que as crianças fizeram para tentar resgatar a bola, dava pra perceber que o *Castelo Rá-Tim-Bum* não era aquele estereótipo de castelo dos contos de fadas. Esse se localizava no meio da cidade, entre casas, prédios e ruas. No começo, passou pela minha cabeça que nunca poderia existir um castelo como aquele onde eu morava. Depois, ficava olhando pela janela, me perguntando se havia algum escondido no meio daquela infinidade de casas.

Como citado, o *Castelo Rá-Tim-Bum* nada era parecido com os castelos de contos de fadas, que não me interessavam em nada, confesso. Não via graça naquela história de príncipes e princesas que se casavam e viviam felizes para sempre. Me interessava muito mais um ratinho que andava em um *ratomóvel* pelo *Castelo* e cantava uma música sobre lavar todas as partes do corpo na hora do banho. Não levou muito tempo para eu decorar a letra e cantarolar embaixo do chuveiro.

Me interessava mais um boneco estranho, cujo nome era Mau, mas que de mau não tinha nada. Me interessava todo aquele mundo fantasioso, mas que parecia tão perto da minha realidade. Diferente das bruxas dos contos de fadas, a bruxa do *Castelo* era boa e sabia de tudo: da existência do mundo, de teorias, já tinha visitado diversos lugares e conhecia todas as pessoas importantes.

Tendo apenas assistido ao primeiro episódio, já queria fazer experiências científicas, como faziam os irmãos Tíbio e Perônio; queria inventar mil e uma coisas, como fazia o Dr. Victor; criar rimas, como faziam o par de botas Tap e Flap; controlar o tempo, como fazia o Relógio Mágico e aprender a ler, como o Gato Pintado, que cuidava da biblioteca gigante do *Castelo*. Se um gato aprendeu a ler, eu também aprenderia.

Ao terminar o primeiro episódio, e ouvir do Nino “Tchau não, até amanhã!”, percebi que, pela primeira vez, a televisão tinha me conquistado e não queria nem mais brincar na rua, só queria descobrir o que mais o *Castelo* tinha pra me apresentar.

Na minha cabeça de criança, a única forma que eu tinha para me comunicar com as pessoas era falando e escrevendo. Como eu não sabia nem ler e nem escrever, me restava falar. E eu falava muito, o tempo todo, aos quatro ventos. Foi com o segundo episódio, chamado “Qual o seu planeta de origem?”, que essa percepção mudou.

Logo de início, a Morgana conta uma história de como os homens das cavernas aprenderam a se comunicar através de desenhos. Aprendi naquele momento que existiam diversas formas de comunicação: desenhos, falas, escritas e uma infinidade de outras formas.

Foi nesse segundo episódio que me vi fascinada pelos passarinhos que tocavam uma guitarra e cantavam. Descobri ali que a música era a forma de se comunicar com o coração. A partir daquele momento, queria a todo custo aprender a tocar um instrumento e a cantar. Meu primeiro instrumento foi um violão de plástico, que não fazia muito som, mas isso não me impedia de criar sons com tudo que via pela frente. Passei a me comunicar através da música. Aprendi a tocar violão muitos anos mais tarde, aos 10 anos, e desenvolvi o canto na igreja. A música se tornou algo tão importante na minha vida quanto minha relação com o *Castelo Rá-Tim-Bum*.

O ponto chave do episódio, que interferiu diretamente na minha vida e na minha alfabetização, foi a aparição do personagem Etevaldo, um extraterrestre. Não imaginei, naquele momento, mas ele se tornaria o meu personagem favorito. Colorido, engraçado, vindo de outro planeta, não entendia a língua que as crianças falavam e não conseguia se comunicar. Somente quando entrou na biblioteca do *Castelo* e curioso pegou um dicionário, que leu em segundos, foi que ele aprendeu a falar o português. Essa facilidade que ele teve de simplesmente pegar um dicionário e aprender em segundos a nossa língua me encantou de tal forma, que me fez pensar que se eu fizesse o mesmo com os livros que eu encontrasse também aprenderia a ler.

Decidi, naquele momento, que aprenderia a ler e nada iria tirar isso da minha cabeça. Fui criada por uma avó costureira, que tinha estudado até a quarta série. Ela pouco sabia me ensinar, mas sempre me motivou a fazer tudo o que eu tinha vontade. Quando falei que queria aprender a ler e escrever, ela conseguiu um quadro verde

pequeno, giz para o quadro, uns livros velhos e uns cadernos velhos para eu rabiscar. Me deparei com tudo aquilo e não sabia por onde começar.

Eu olhava para todas aquelas palavras nos livros, para as imagens, e meu coração palpitava. Aquilo tudo não dizia nada para mim. Eram só desenhos e formas. Não consegui aprender tão rápido quanto o Etevaldo, mas foi pensando nisso que cheguei a uma conclusão: se o desenho também é uma forma de se comunicar, se eu copiar todos os desenhos do livro para o meu caderno, talvez eu aprenda a ler e escrever.

E assim eu fiz, todo dia eu pegava uma página do livro e ia copiando os textos, da forma que eu entendia, para o meu caderno. Assim eu fazia com as imagens também. Foram dias dessa maneira, assistindo aos episódios e copiando os livros. Me sentia uma criança grande, responsável e determinada a aprender. Criava minha rotina metodicamente, para que não faltasse um dia sequer.

Em um determinado dia, entre copiar os livros e assistir à série, minha avó me disse que eu iria para a escola. Para entender o espaço-tempo em que isso aconteceu, vale ressaltar que estamos falando do ano de 2003, eu tinha 6 anos e era uma criança no primeiro mandato do presidente Lula.

Ressalto esse ponto por ter sido criada por uma mulher que, em suas limitações, tinha consciência de classe e de justiça, que acreditava em um país melhor, assim como eu aprendi a acreditar. Lembro como se fosse hoje da festa da primeira posse do Lula. Lembro da alegria da minha avó. Não entendia a importância de tudo aquilo na época, mas senti o impacto de ser uma criança na era Lula.

Historicamente, os governos Lula são conhecidos por revolucionar a educação<sup>2</sup> e a saúde<sup>3</sup> no Brasil. E foi através dos programas que ele criou na educação que consegui vaga na pré-escola. O ano letivo já havia iniciado quando entrei no pré-escolar. Tudo era muito novo, excitante e divertido. Eu tinha colegas, iria fazer amigos e tinha uma professora, Elma, o nome dela. Dizem que nunca esquecemos o nome do primeiro professor. Hoje tenho certeza disso.

---

<sup>2</sup> Fonte: Os governos do PT fizeram uma verdadeira revolução na educação do Brasil. Disponível em: <<https://www.google.com/amp/s/lula.com.br/os-governos-do-pt-fizeram-uma-verdadeira-revolucao-na-educacao-do-brasil/amp/>>.

<sup>3</sup> Fonte: Veja 8 ações do PT que revolucionaram a saúde no Brasil. Disponível em: <<https://www.google.com/amp/s/pt.org.br/veja-8-acoes-do-pt-que-revolucionaram-a-saude-no-brasil/amp/>>.

Algo de muito mágico aconteceu depois que eu entrei na pré-escola, mas essa história eu relato através das palavras da minha avó, que narra esse acontecimento repetidas vezes e eu adorava sempre que ouvia. Dizia minha avó, a que me criou, mais conhecida como dona Mara, que fazia quase um mês que eu já estava na pré-escola quando ela foi me buscar e perguntou para a professora como eu estava me saindo. Segundo minha avó, a professora disse que eu era ótima e que era uma das poucas crianças que já sabia ler e escrever. Minha avó dizia que na hora achou que a professora tinha confundido a criança, porque ela nunca tinha visto eu ler e escrever nada. A professora contou para a minha avó que eu sempre pegava os gibis da Turma da Mônica e me divertia lendo as histórias.

Confesso que não lembro dessa ruptura entre não saber ler e escrever e saber. É como se fosse mágica, um feitiço, como se eu tivesse feito igual o Etevaldo: num momento um livro não dizia nada para mim e no outro, eu me divertia com as histórias da Turma da Mônica.

Naquela época, obviamente, ninguém imaginava o que estava por trás de tudo isso. Minha teoria, e só minha, sobre tudo isso, é que meu cérebro aprendeu a decodificar aqueles desenhos que eu tanto reproduzia no caderno, com os estímulos da professora, em palavras, sons e sentidos.

Seria engraçado se alguém me perguntasse, hoje, como foi meu processo de alfabetização. Em resumo: um E.T. leu um dicionário em segundos e aprendeu a falar português. Isso me chamou a atenção e decidi que aprenderia a ler e escrever por conta própria. Como método, copiava todos os livros que tinha em casa pra um caderno, sem entender nada e pouco tempo depois de entrar na pré-escola, como mágica, já estava lendo e escrevendo. Fim. Na verdade, isso foi apenas o começo.

Seria possível dizer que aprendi a ler e escrever por conta do *Castelo Rá-Tim-Bum*? Difícil dizer. Minhas memórias afetivas dizem que sim e amparo minha resposta tanto no contexto histórico e político em que o *Castelo* foi idealizado e criado como quando consegui minha vaga para estudar.

Talvez esse tenha sido um dos principais motivos para o *Castelo* ser tão importante e presente na minha vida: ter sido pensado para crianças como eu. Mesmo depois de me reconhecer como uma criança que já sabia ler e escrever, o *Castelo* continuou agregando conhecimentos na minha vida a cada episódio. A cada dia era uma surpresa nova que eu ia descobrindo.

Havia um personagem muito peculiar no *Castelo* chamado Dr. Abobrinha, um corretor de imóveis que tinha o sonho de comprar o *Castelo* para construir um prédio de cem andares no lugar. Como, obviamente, ninguém aceitava vender o *Castelo*, ele tentava de diversas formas fazer com que alguém assinasse a escritura, passando o *Castelo* para o seu nome. Me lembro de ficar enfurecida todas as vezes que o Dr. Abobrinha aparecia. Era o personagem de que eu menos gostava e sempre torcia para seus planos darem errado.

Em uma de suas tentativas, sabendo que o Nino queria muito ter um professor, porque não podia ir à escola, se transformou em professor para tentar conseguir o que queria. A tentativa foi por água abaixo quando as crianças perceberam que ele não sabia ensinar absolutamente nada.

Eu já havia entrado na pré-escola enquanto o Nino ainda não. E no momento que me deparei com o Dr. Abobrinha tentando enganar o Nino e as crianças, cresceu dentro de mim a vontade de ser professora. Não como o Dr. Abobrinha, uma professora de verdade, que poderia ensinar tudo o que as crianças quisessem saber, porque na minha cabeça, o professor era a pessoa que sabia de tudo.

E sabendo de tudo, poderia responder a todas as perguntas, assim como fazia o personagem Telekid. Toda vez que o Zequinha começava com os seus infinitos “Por quê?” e as crianças respondiam “Porque sim, Zequinha!”, o Telekid aparecia para dizer “Porque sim não é resposta” e resolvia o questionamento. E eu, é claro, usava essa mesma frase para responder quando alguém não dava a resposta que eu esperava. Eu tinha muito do Nino, mas também tinha comigo a curiosidade do Zequinha. E, assim como o Telekid, queria poder responder a todas as perguntas.

Já perto do final do ano letivo, o que significava que no próximo ano eu entraria na primeira série, fiquei afastada da escola por conta da bendita catapora. Isso me rendeu semanas em casa, cheia de coceiras, febre e sem ter o que fazer. Apareci na escola para poder tirar as fotos de formatura, mas longe dos colegas. Foram umas duas semanas sem poder ver meus colegas e sem assistir à série.

Minha avó, que sempre tentava fazer tudo por nós, conseguiu, até hoje não sei como, comprar uma televisão usada e disse que era nosso presente de natal. Aquela televisão, para mim, era ouro. E foi a primeira vez que eu assisti *Castelo Rá-Tim-Bum* fora das fitas VHS, diretamente na TV Cultura. Quem ajudou minha avó a achar o canal foi o filho da vizinha, aquela mesma vizinha cuja casa a gente ia assistir à novela das nove.

Não posso falar de *Castelo Rá-Tim-Bum* sem falar da minha relação com a minha avó. Para além da pessoa que me criou e foi responsável pela pessoa que me tornei, minha avó me apoiava e me incentivava a ser quem eu realmente sou. Ela era o tipo de pessoa que você sentia prazer em ter por perto.

Quando quis aprender a ler e escrever, ela foi a primeira a me incentivar, quando quis aprender a tocar violão, ela foi minha plateia, mesmo que eu desafinasse. Quando comecei a cantar, ela estava sempre sentada no primeiro banco da igreja para me ouvir. Quando quis ser professora, ela disse para eu estudar, porque o estudo me levaria longe. Quando lutei para ser quem sou, ela disse que me amava do jeito que eu era.

A relação afetiva que criei com o *Castelo Rá-Tim-Bum* também veio pela forma como minha avó me criou: livre. Livre para descobrir tudo que o mundo tinha a me oferecer e me ensinou a ser justa e nunca desistir dos meus sonhos. O *Castelo* me acompanha na vida assim como minha avó me acompanhou até meus dezessete anos. Hoje, tenho certeza de que ela está brincando nas estrelas, junto com o Etevaldo.

Houve um período longo em que eu perdi o contato com o *Castelo Rá-Tim-Bum*. As reprises dos episódios pararam de ser transmitidas pela TV Cultura. E logo após o término do ano letivo do primeiro ano do ensino fundamental, acabei me mudando para o interior de Santa Catarina, para morar com a minha mãe. Isso significava, também, que só veria o *Castelo Rá-Tim-Bum* nas fitas VHS e quando fosse para São Paulo.

À Época, não existiam ainda os smartphones, que revolucionaram a tecnologia dos celulares, e nem mesmo era comum ter computadores em casa. Na casa da minha mãe tinha televisão e eu acompanhava a programação da TV Cultura, assim como fazia na casa da minha avó, mas não tinha o mesmo sentimento que tinha antes. Lembro de ir para São Paulo passar as férias, e me deparei com a estante da casa da minha avó paterna sem uma fita VHS sequer. O aparelho tinha dado lugar a um DVD, que era a tecnologia mais recente. Desde então, nunca mais vi as fitas do *Castelo Rá-Tim-Bum*.

Voltei a ter contato com o programa a partir da modernização advinda da internet. Já no ensino médio, tinha acesso a plataformas digitais, como o Youtube, que permitia, com uma rápida pesquisa, encontrar alguns episódios da série. Embora o contato com o *Castelo* tenha passado por um hiato, isso não aconteceu com o

desejo de ser professora. Antes mesmo de entrar no ensino médio, tinha escolhido para minha vida o ensinar. E não só isso, queria ser professora de língua portuguesa.

A linguagem, que tanto me intrigou na infância e o processo de aprender a ler e escrever, e o que isso significou para mim, fizeram com que o desejo de cursar letras português se tornasse real no ano de 2015, quando fui aprovada no vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), universidade pública, gratuita e de qualidade que me deu o título de Licenciada em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa no ano de 2022.

A descoberta do meio universitário é uma experiência ímpar. Dentro da universidade eu consegui ser verdadeiramente quem eu sou, consegui sair definitivamente do armário para nunca mais voltar. Iniciei a militância dentro do movimento estudantil e no Partido dos Trabalhadores. Lutei contra o desmonte da educação, participei de greves e construí o centro acadêmico do meu curso. De todas as coisas que eu fiz, o que eu menos esperava era que meu primeiro trabalho de apresentação na graduação fosse sobre *Castelo Rá-Tim-Bum*.

Logo na primeira semana de aula, na disciplina de Produção Textual Acadêmica I, ministrada pela professora Silvia Coneglian, a atividade de avaliação era apresentar, dentro de cinco minutos, para a turma, algo que a gente conhecesse muito, gostasse muito, que conseguisse falar a respeito. Na minha cabeça, era impossível fazer uma apresentação em cinco minutos. E pensando sobre o que falar, olhando ao redor, para meus colegas, que minha cabeça fez “bum”, mais precisamente, “bum, bum, bum, Castelo Rá-Tim-Bum”. Essa é uma das memórias mais incríveis que eu tenho da graduação e que me fez pensar que quando o sujeito consegue se conectar com algo, e isso faz sentido na sua vivência, o aprendizado acontece e tudo se torna possível.

A partir dessa experiência, comecei a revisitar todas as memórias que o *Castelo Rá-Tim-Bum* me trazia, busquei ler sobre a história do *Castelo* mais a fundo, sobre os atores, sobre todo aquele mundo mágico que me acompanhou na infância. Desde então, todas as pessoas que minimamente me conheciam sabiam do amor que eu tinha pelo programa. Descobri, nas redes sociais, que existia um canal no Youtube com todos os episódios disponíveis. Hoje em dia, a lista de reprodução foi removida, sobrando apenas alguns episódios específicos.

Em 2017, o Memorial da América Latina completou 28 anos. Para a comemoração, resolveu-se fazer a “Exposição Castelo Rá-Tim-Bum”, em parceria

com a TV Cultura e o governo do estado de São Paulo, uma estrutura de 700m<sup>2</sup> idêntica a do programa. Era possível transitar por todas as partes do *Castelo* quase cem por cento fiéis ao original. Nesse período, eu era estagiária do Colégio de Aplicação da UFSC e ganhava uma bolsa que não chegava a quinhentos reais mensais. Mesmo com o orçamento apertado, não queria perder a oportunidade, talvez única, de conhecer o *Castelo* por dentro, o mesmo *Castelo* que eu achava só existir dentro das fitas VHS.

Para conseguir o dinheiro das passagens e do ingresso, resolvi vender tortas salgadas. Muitas pessoas que sabiam da importância, para mim, daquela exposição me ajudaram e fizeram esse dia ser possível. Posso dizer que acertei a senha do porteiro, subi as escadas do *Castelo*, conheci o quarto do Nino e andei por todas as partes daquele lugar mágico. Registrei o momento em algumas fotografias, mas preferi andar lentamente e olhar cada detalhe para guardar na memória.

Em um dos corredores da exposição estavam as cartas que crianças do país todo mandaram para a TV Cultura pedindo para que o *Castelo* continuasse. Muitas cartas, inclusive, continham dinheiro para ajudar nos custos da produção do programa. Houve uma comoção e um movimento muito grande quando o encerramento foi anunciado. Isso me emocionou muito, porque ali estavam os registros de crianças, que assim como eu, se identificaram com a narrativa tão incrível que foi construída ao longo dos episódios. O *Castelo* também tinha sido feito para aquelas crianças. O registro desse dia ficou gravado na memória e na minha pele. No mesmo ano da exposição, tatuei o contorno do *Castelo* do lado esquerdo do peito, que é onde eu guardo todos os meus amores.

Minhas vivências na militância, principalmente dentro do Partido dos Trabalhadores, me fizeram enxergar alguns atores do *Castelo* de uma outra forma. A exemplo, o ator Sérgio Mamberti, que deu vida ao Dr. Victor, um feiticeiro, inventor e tio do Nino, que ajudou a fundar o PT e militou durante toda sua vida pelo direito do povo à educação e à cultura, sendo responsável pela secretaria de Identidade e Diversidade Cultural do Ministério da Cultura durante o primeiro mandato do governo Lula.

O espaço político me permitiu conhecer pessoalmente o Sérgio e agradecer por tudo o que ele fez e por ter sido o maior inventor que eu já conheci. Sérgio Mamberti faleceu no ano passado em 2021, deixando uma brilhante contribuição para o teatro e para as artes de modo geral.

Durante o processo eleitoral presidencial em 2018, em que Jair Bolsonaro e Fernando Haddad disputaram o segundo turno, diversos artistas, que trabalhavam no *Castelo*, se posicionaram a favor do então candidato do PT, Fernando Haddad, que perdeu as eleições para o concorrente. Dentre esses artistas estão: Sérgio Mamberti, o Dr. Victor, Cassio Scapin, o Nino, Cinthya Rachel, a Biba, Fredy Állan, o Zequinha, Angela Dippe, a Penélope e Pascoal da Conceição, o Dr. Abobrinha.

Atualmente, esses mesmos artistas, com exceção de Sérgio Mamberti que já faleceu, se posicionam contrários ao governo atual, por negar direitos básicos ao povo, como saúde, educação e cultura; por negligenciar a pandemia da COVID-19, além de ser um governo negacionista, homofóbico, racista, dentre tantos outros motivos que fazem do governo Bolsonaro um dos piores da história do País.

Assistir aos episódios depois de mais velha me fez ampliar percepções que a inocência de criança não me permitia anteriormente. No episódio 88, “Et cetera”, o personagem Etevaldo envia uma carta ao Nino dizendo “Oi, Nino. Eu não posso ir ao castelo porque estou aqui, entre as estrelas, brincando. Mas, eu vou mandar a minha irmã, tudo bem?”. Essa foi a forma que a equipe encontrou de homenagear o ator Wagner Bello, que brilhantemente deu vida ao meu personagem favorito. O ator faleceu antes de gravar o último episódio da sua aparição no programa, em decorrência de complicações causadas pelo HIV.

Algumas lembranças que o tempo apagou da minha memória foram resgatadas com a ajuda da minha prima, que assistia *Castelo Rá-Tim-Bum* comigo. As fitas VHS eram dela e nem mesmo ela sabe que fim tiveram. Como minha prima era bem mais velha do que eu e minha irmã, era ela que cuidava de nós quando íamos para casa da nossa avó paterna. Segundo minha prima, nós assistimos todos os episódios repetidamente e sabíamos todas as falas e músicas de cor.

Um dos episódios de que eu mais gostava e mais pedia para assistir era o que aparecia a Zula, a menina azul, que por ser tão diferente não foi bem recebida pelas crianças. Lembro de me sentir mal quando via a Zula triste porque as crianças não queriam brincar com ela. Então, a Penélope, que era toda rosa, ensinou para as crianças que elas não podiam tratar a Zula daquela forma. Ali aprendi o quanto o preconceito pode ser excludente e que devemos respeitar a todas as pessoas.

Como capricorniana competitiva que sou, disputava com qualquer pessoa que estivesse assistindo comigo que eu seria uma das fadinhas do lustre. Na verdade, não tinha muita opção de escolha, eu sempre era a fadinha rosa, a Lana. Ficava encantada

toda vez que aparecia o quarto do Nino, que tinha gibis colados em todas as paredes e tinha uma porta secreta que girava embaixo da escada.

Existiam tantos outros personagens no *Castelo* que seria possível escrever um livro inteiro para falar de cada um. Além deles, muitos quadros eram apresentados durante os episódios, que estimulavam diversos sentidos nas crianças, como um dos meus favoritos que era o “Lavar as Mãos”. Nesse quadro, apareciam diversas crianças que lavavam as mãos para ensinar a outras crianças a importância da higiene pessoal, como comentado nas tabelas anteriores. A trilha sonora era do cantor e compositor Arnaldo Antunes, que brilhantemente compôs a música “Lava uma mão” para o quadro. Arnaldo se tornou um dos meus cantores favoritos por essa música e por todas as que cantava com os Tribalistas, trio que fazia parte.

Ter sido uma criança que teve um contato tão direto com um programa de televisão, que foi pensado para crianças que tinham a mesma realidade que eu, mudou toda a trajetória da minha vida e do meu desenvolvimento como ser humano.

Com toda a tecnologia que temos disponível, principalmente para as mídias e criações cinematográficas, recriar o *Castelo*, talvez, não rendesse o mesmo interesse, nem mesmo o mesmo sucesso. Lógico que, como admiradora, seria um sonho ter o *Castelo* de volta, mas também reconheço que depois dele nada mais conseguiu se igualar a dar tão certo como ele deu. Existe algo de muito marcante no *Castelo* que atravessa gerações, que mesmo depois de anos consegue ser inovador e atemporal. Não há o que atualizar no *Castelo*, porque ele foi pensado para um público específico, em um momento específico da história, o que fez dele tão singular, tão cheio de magia e tão incrível.

E o que faz do *Castelo* ser tão incrível é o fato de fazer de toda essa magia algo verossímil, porque mesmo a magia está no dentro do mundo real. Tudo que é apresentado ali é real. O real e o mágico se cruzam o tempo todo durante a construção do projeto. Não há um fim para o *Castelo*. Não há um fim para a magia e nem mesmo para o real. O *Castelo Rá-Tim-Bum* transita entre as narrativas cotidianas e o mundo imaginário. Não há uma despedida. Para mim será sempre um “Tchau não, até amanhã”.

Através desse relato cronológico, retomo a pergunta que fiz anteriormente: seria possível dizer que aprendi a ler e escrever por conta do *Castelo Rá-Tim-Bum*? Embora eu tenha experienciado o *Castelo Rá-Tim-Bum* depois do encerramento da série, eu fiz parte do público-alvo do programa, sendo uma criança sem vaga na pré-

escola e que aprendeu os primeiros conceitos essenciais para o desenvolvimento através do que era ensinado e apresentado nos episódios.

A última seção será dedicada a responder essa questão através do referencial teórico escolhido, que ajuda a embasar o tema e a chegar ao objetivo desse trabalho, e, também, validar a justificativa do tema escolhido. A ideia do relato cronológico descrito nessa seção é poder usar minha experiência pessoal e minhas vivências para concluir a pesquisa realizada durante a elaboração desse trabalho de conclusão de curso.

#### **4 "KLIFT KLOFT STILL, A PORTA SE ABRIU!"**

Considero necessário apresentar no início desta seção dois conceitos importantes, *alfabetização* e *letramento*, que ajudarão a responder à questão que motivou a realização desse trabalho: seria possível dizer que aprendi a ler e escrever por conta do *Castelo Rá-Tim-Bum*?

Enquanto a *alfabetização* está ligada ao aprendizado da leitura e da escrita, ou seja, de aprender e decodificar o sistema da língua escrita, o *letramento* está relacionado com o fato do sujeito se apropriar da leitura e da escrita de maneira social. Ou seja, não basta apenas ler e escrever, para ser um sujeito *letrado*, é preciso saber aplicar os códigos linguísticos dentro do seu contexto social.

De acordo com Soares, ainda que uma pessoa seja analfabeta, ela pode se tornar, de certa forma, letrada, dentro de seu contexto social: “Uma última inferência que se pode tirar do conceito de letramento é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado.”. Ainda sobre essa questão, Soares fala sobre crianças que ainda não foram alfabetizadas, mas que já iniciam o processo de letramento:

Da mesma forma, a criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de materiais escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda “analfabeta”, porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é, de certa forma, letrada. (2009, p.24).

Retomando a cronologia que me propus a fazer na seção anterior, quando digo que minha avó conseguiu alguns livros, cadernos e um quadro com giz para que eu pudesse brincar, sem saber, iniciei ali o meu processo de letramento. Por não ser

alfabetizada, os signos linguísticos pouco diziam pra mim. Mas, a partir daquele momento, aconteceu uma transformação que me levaria a entender o meu processo, tempos depois, quando finalmente pude me alfabetizar na escola. Através da motivação com o *Castelo Rá-Tim-Bum*, enxerguei naqueles livros e naquele quadro verde uma forma de me inserir no mundo, de entender as palavras, de entender os signos.

Por óbvio, a escola foi o principal agente responsável por me alfabetizar e dar continuidade ao meu processo de letramento. E, com isso, mudar a minha percepção social e, principalmente, despertar em mim o desejo de ser professora. Para Soares, o sujeito se transforma com a alfabetização e o letramento, não sendo mais, dessa forma, o mesmo que era antes quando analfabeto ou iletrado.

[...] não se trata propriamente de mudar de nível ou de classe social, cultural, mas de mudar seu lugar social, seu modo de viver na sociedade, sua inserção na cultura - sua relação com os outros, com o contexto, com os bens culturais torna-se diferente. (SOARES, 2009, p. 37).

Ao iniciar minha alfabetização estando, de certa forma, letrada, o processo de aprendizagem se tornou menos complicado e inerente ao meu contexto social. Tanto eu, quanto meus colegas, e até mesmo os professores, estávamos inseridos em um contexto periférico, em que grande parte da população tinha baixo poder aquisitivo. Não à toa, o fato de o *Castelo Rá-Tim-Bum*, não se parecer com os castelos dos contos de fadas, por estar no meio de uma cidade, me trouxe um espanto e me fez refletir sobre meu meio social.

A minha realidade material e social fez com que, de fato, eu me tornasse uma criança letrada, não apenas reproduzindo os códigos linguísticos aprendidos através da alfabetização, mas relacionando o meu aprendizado com o meu contexto social. Começo, dessa maneira, a compreender que o *Castelo Rá-Tim-Bum* não interferiu diretamente no meu processo de alfabetização, porque isso se deu, como dito antes, no aprendizado dentro da sala de aula, mas foi agente responsável por despertar o desejo de buscar o conhecimento que se deu através do letramento pré-alfabetização.

O método Paulo Freire de ensino, conhecido mundialmente, apresenta uma forma de reconhecimento social através da alfabetização. Ou seja, o alfabetizando se conecta com a sua realidade, para, a partir dela, decodificar a palavra e se constituir nela. O professor Ernani Maria Fiori escreve no prefácio de “Pedagogia do Oprimido”,

de Paulo Freire, que através do método os alfabetizados buscam gerar seus próprios mundos através do poder criador das palavras e ainda “A alfabetização, portanto, é toda a pedagogia: aprender a ler é aprender a dizer a sua palavra. E a palavra humana imita a palavra divina: é criadora.” (p. 28).

Dessa maneira, de forma lúdica e para divertir, o *Castelo* despertou um desejo que interferia diretamente em uma questão social que me afetava e cumpriu com o papel pedagógico de mostrar ao público-alvo formas educativas de aprender e se constituir como sujeito.

Enxergar a educação através de Paulo Freire me fez compreender que o aprendizado precisa estar relacionado intrinsecamente com as vivências de cada sujeito, e as práticas educativas precisam estar alicerçadas na forma como o sujeito se relaciona com a educação e como isso transforma sua realidade. Durante a graduação, que me deu a licença para ser professora, me aprofundei nas discussões de Freire e compreendi que meu processo emancipatório na trajetória escolar se deu por conta do acolhimento das minhas curiosidades e dos meus desejos por parte de meus professores. Essa prática se relaciona diretamente com o respeito à autonomia do ser educando. Tal qual Freire (1996, p. 25) afirma:

O professor que desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia: o professor que ironiza o aluno, que o minimiza, que manda que “ele se ponha em seu lugar” ao mais tênue sinal de sua rebeldia legítima, tanto quanto o professor que se exime do cumprimento de seu dever de propor limites à liberdade do aluno, que se furta ao dever de ensinar, de estar respeitosamente presente à experiência formadora do educando, transgride os princípios éticos de nossa existência.

Nesse sentido, encaro o *Castelo Rá-Tim-Bum* como agente de transformação da minha realidade, não apenas em relação à educação, como ao espaço cultural e social. Por ser esse agente transformador, a interferência do programa se deu não somente na minha infância, como me moldou, ao longo dos anos, para que eu enxergasse a educação de forma crítica e política. Poder fazer essa cronologia que aponta todos os espaços em que o programa se fez presente na minha constituição como sujeito me trouxe a percepção de que, de fato, é possível utilizar de entretenimento educacional televisivo para que se construam formas pedagógicas de ensino e letramento.

## 5 CONCLUSÃO

Os motivos que levaram o *Castelo Rá-Tim-Bum* a ser cancelado interferem, ainda hoje, nas políticas públicas voltadas à educação. As produções educativas para o público infantil tornaram-se cada vez menores, dando lugar a conteúdos cada vez mais voltados ao consumo e ao entretenimento por si só. Em tempos em que a educação é tida como mercadoria e que os investimentos são cada vez menores, inviabilizando, inclusive, a manutenção de escolas e universidades, seria muito difícil que um programa como o *Castelo* pudesse ser produzido.

Embora as motivações pedagógicas que levaram à construção do *Castelo* não estejam refletidas completamente na realidade das crianças atualmente, visto que o acompanhamento escolar passou a ser mais fiscalizado - ainda que todos os problemas não tenham sido superados -, os conteúdos que eram ali apresentados ultrapassaram a motivação de ajudar a diminuir o déficit escolar. Havia ali uma humanização do sujeito e um acolhimento das diferentes realidades, que permitiam que as crianças sonhassem e se constituíssem como sujeitos e donas de suas próprias vivências.

Provavelmente, se o *Castelo* tivesse continuado ou voltasse a ser gravado, precisaria passar por uma atualização, visto que evoluímos muito no que diz respeito a efeitos especiais e à própria tecnologia. Muito do que era tido como “revolucionário” naquela época, já é considerado ultrapassado para as crianças acostumadas com a tecnologia. Repensar um programa educativo sem basear a programação em consumo, como é feito com a maioria dos programas e desenhos infantis atuais, pode se apresentar como uma tarefa desafiadora.

O *Castelo Rá-Tim-Bum* teve um papel formador em minha vida e, com toda certeza, na vida das crianças que acompanharam o programa. Por conta disso, retomo a pergunta central deste trabalho: seria possível dizer que aprendi a ler e escrever através do *Castelo Rá-Tim-Bum*?

Como dito ao longo do trabalho, a ideia do programa nunca foi a de substituir a escola - até porque existia uma preocupação, explicada abaixo, e uma equipe pedagógica por trás de toda a construção do programa. A preocupação era garantir que as crianças tivessem os primeiros contatos com uma formação educativa, lúdica e social. E quanto a isso, não tenho dúvidas de que o programa foi muito feliz no que se propôs a fazer.

Quanto ao meu questionamento, entendo que o *Castelo Rá-Tim-Bum* foi um estímulo para o meu desenvolvimento escolar. Nada pode substituir o professor e a sala de aula, o contato que o sujeito tem com os demais e o compartilhamento de ideias. Mas, de fato, o *Castelo* foi responsável por incitar uma busca pelo conhecimento que me permitiu adentrar nos espaços do letramento e num processo de alfabetização rápido, sem desafios e sem traumas.

Toda essa experiência só foi possível porque meu processo de escolarização aconteceu de uma forma muito livre e acolhedora, que muito se assemelha com as práticas sugeridas por Paulo Freire, pensador que buscava uma educação libertadora e crítica, onde o ser educando construía seus conhecimentos através dos seus desejos e do seu meio social.

O fato é que o *Castelo Rá-Tim-Bum* foi agente transformador da minha realidade, porque dizia muito sobre a minha condição social e me incentivava a buscar tudo aquilo que despertava minha curiosidade. Quando a prática educativa está inteiramente preocupada e voltada para a realidade do aluno, o conhecimento se transforma em combustível para a ascensão social.

O objetivo deste trabalho, além de responder a questão central, é poder dar sentido à história que transformou a minha vida e me levou a ser professora. É sobre acreditar que a busca por um país melhor passa, obrigatoriamente, pela educação, por esperar na educação.

Por fim, concluo esse trabalho trazendo a reflexão de que, assim como aconteceu comigo, muitas crianças podem ter sido atravessadas pelo *Castelo Rá-Tim-Bum* em seus processos educativos. Seria de grande contribuição pesquisas que apontassem esses dados e como isso foi possível.

## REFERÊNCIAS

APOLINÁRIO, Sônia (Brasil). Jornal e Revista O Globo (ed.). **'Rá-Tim-Bum' Vira um castelo na TV Cultura**. 1993. *apud* Banco de Dados TV-Pesquisa - Documento número: 21791. Disponível em: <https://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=21791&PageNo=1>. Acesso em: 13 out. 2022.

BRASIL. CÂMARA DOS DEPUTADOS. (org.). **A perplexidade do brasileiro diante do confisco das contas bancárias e poupanças (05' 44")**. CÂMARA É HISTÓRIA. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/273499-a-perplexidade-do-brasileiro-diante-do-confisco-das-contas-bancarias-e-poupancas-05-44/>. Acesso em: 13 out. 2022.

BRASIL. **Lei nº 236 de 28 de fevereiro de 1967 — arts. 13 a 18**. Complementa e Modifica a Lei n.º 4.117, de 27 de agosto de 1962 consolidando a legislação sobre a televisão educativa. Brasília, DF: Presidência da República, 1967. <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001816.pdf>. Acesso em: 13 out. 2022.

CANDIDO, Antonio *et al.* **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2014, 124 p.

CAPELAS, Bruno. **Raios e trovões: a história do fenômeno Castelo Rá-Tim-Bum**. 1. ed. São Paulo: Summus, 2019. 240 p.

CARNEIRO, Vânia Lúcia Quintão. **Castelo Rá-Tim-Bum: o educativo como entretenimento**. São Paulo: Annablume, 1999. 226 p.

CASTRO, Carolina Mazzaron de; CÂMARA, Naiá Sodi. **Castelo Rá-Tim-Bum: das práticas educativas às formas de vida**. Texto Livre: linguagem e tecnologia, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p.240-253, jul.-dez. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16772/13533>

DA REDAÇÃO (Brasil). Fundação Padre Anchieta (ed.). **Castelo Rá-Tim-Bum: 23 curiosidades que você não sabia**: série de 1994 completa 23 anos nesta terça-feira (9). 2016. ARTE E CULTURA. Disponível em: [https://cultura.uol.com.br/noticias/62\\_22-curiosidades-sobre-castelo-ra-tim-bum-que-voce-nao-sabia.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/62_22-curiosidades-sobre-castelo-ra-tim-bum-que-voce-nao-sabia.html). Acesso em: 13 out. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 55 p.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 79. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021. 256 p.

OLIVEIRA, Flávia (Brasil). Jornal e Revista O Globo (ed.). **Plano real, as duas faces de uma mesma moeda**. 1999. *apud* Banco de Dados TV-Pesquisa - Documento número: 49070. Disponível em: <https://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=49070&PageNo=1>. Acesso em: 13 out. 2022.

SANCHES, Neuza (Brasil). Jornal e Revista O Globo (ed.). **Pelo QI infantil**. 1994. **apud** Banco de Dados TV-Pesquisa - Documento número: 25057. Disponível em: <https://www.tv-pesquisa.com.puc-rio.br/mostraregistro.asp?CodRegistro=25057&PageNo=1>

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009. 128 p.

WIKI CASTELO RA TIM BUM (Brasil). Fandom. **Personagens, aparições de personagens, lugares**. [20--]. Disponível em: <https://wikicasteloratimum.fandom.com/pt-br/wiki/Personagens>. Acesso em: 16 out. 2022.

## APÊNDICE

*Quadro 1 – Lista de episódios*

Lista de episódios	Lista de episódios
1 – Tchau não, até amanhã!	47 – Gincana
2 - Qual o seu Planeta de Origem?	48 – Aula de Magia
3 – Meu Nome é Caipora	49 – O Relógio do Tempo
4 – Quem É Quem por aqui?	50 – Professor Contratado
5 – A Cidade dos Sonhos	51 – Uma Viagem Pelo Brasil
6 – Ligeiramente Enjoado	52 – TV Mania
7 – Olha o Passarinho!	53 – Zula, a Menina Azul
8 – Números	54 – Perguntas Milionárias
9 – Ninguém Gosta de Mim	55 – O Aniversário da Morgana
10 – Tudo se Transforma	56 – O Tambor Africano
11 – Eu Prometo	57 – Dormir Fora de Casa
12 – Folias Espaciais	58 – Onitomino
13 - Alguém viu os Meus Sapatos?	59 – É Proibido Entrar com os Animais
14 – Luz, Câmera, Ação!	60 – Economia Doméstica
15 – O Som do Silêncio	61 – O Tesouro dos Desejos
16 – Furos nos Esportes	62 – Surrebrifru
17 – O Rei Abacaxi	63 – Eugênio, O Gênio da Lâmpada
18 – O Saci Escapou	64 – Brinquedos
19 – O Nino Está Ficando Verde	65 – Almoço Reforçado
20 – Tudo que Entra, Sai	66 – Quem canta, seus males espanta!
21 – Aparecer na TV	67 – Viagem de Barco
22 – O Nino Mudou	68 – Leonardo da Vinci
23 – Quem Está com Ciúmes?	69 – No Fundo do Mar
24 – Não Engorda e faz Crescer	70 – O Cometa X
25 – A Coelha Efigênia	71 – Quem Ama o Feio, Bonito lhe Parece
26 – A Dança da Chuva	72 – Rádio Rá-Tim-Bum
27 – Auto-Retrato	73 – Por que Chorar?
28 – Viagem Espacial	74 - O Mau Ataca
29 – Livros Sumidos	75 – Domingo de Páscoa
30 – O Pé de Feijão	76 – Uma Nova Amiga
31 – Capitão Baleia	77 – O Passarinho Ferido
32 – O Rio Limpo	78 – Basquetball
33 – Com que Roupa eu vou	79 – Onde Está o Bilhete?
34 – Máquina do Tempo	80 – Dicionário
35 – Dia Anual da Faxina(Levantando a poeira)	81 – Bolo Especial de Ameixas
36 – Mau-Humor	82 – Alfabeto

37 – Bruxas Boas	83 – Desfile de Moda
38 – Robicleteo	84 – Esconde-Esconde
39 – Quem Procura, Acha	85 – O Avô do Nino
40 – Sole-Mio	86 – O Palhaço quem é?
41 – Feitiço das Estações	87 – Jornal do Castelo
42 – Falta de Água	88 – Et-Cétera
43 – Uma Babá nada boba	89 – Eclipse Solar
44 – Cupido á solta	90 – Festa de Despedida
45 – Dor de Dente	91 – Hora de Dormir (Especial de Natal)
46 – Voltando a ser Criança	

Fonte: adaptado de CAPELAS, 2019, p. 215.

*Quadro 2 – Lista de personagens principais e moradores do Castelo*

Personagem	Ator/Atriz	Função
Nino (Antonino Stradivarius Victorius II)	Cássio Scapin	Nascido em São Vicente, província da Terra de Vera Cruz. Filho de Antonino Quântico Stradivarius II e de Ninotchka Astrobaldo Stradivarius (Nino usa o número do nome do pai – indicado pelo II – por honra). Personagem principal da série, presente em todos os episódios.
Dr. Victor (Victor Astrobaldo Stradivarius Victorius)	Sérgio Mamberti	Tio de Nino. É irmão da mãe dele (Ninotchka Astrobaldo Stradivarius). É um poderoso feiticeiro, amigo das máquinas, animais e crianças. Inventor incrivelmente talentoso. Trabalha para uma companhia de função não especificada (Muito provavelmente uma firma tecnológica).
Dona Morgana (Ana Morgana Maria Gioconda Teresa Cecília Luísa Astrobaldo Demétrio Fonseca Stradivarius)	Rosi Campos	Tia-avó de Nino, uma poderosa feiticeira de 5999 anos. Morgana viveu muito, estando presente em diversos grandes eventos e passagens da história.
Zequinha	Freddy Allan	É o mais novo da turma. Zeca é

		pequeno, sapeca e muito curioso, chegando a ser desagradável em muitas situações. Tanto que, ao menor sinal de alguma coisa que ele não compreenda, logo ele dispara: “Por quê?”, iniciando uma sequência de “por quês” até alguém perder a calma e berrar “Porque sim, Zequinha!” ou variações da mesma.
Lana e Lara	Fabiana Prado e Theresa Athayde	Duas fadas boas que moram no lustre do castelo, as duas são irmãs. São primas de Nino.
Valdirene	-	Outra personagem rara e pouco importante na série, Valdirene é a vassoura com a qual Morgana costuma voar e varrer.
Biba	Cinthya Rachel	Uma garota esperta, feminina e decidida. Quando não está tirando sarro dos meninos ou agindo como a mais “responsável” do grupo, Biba gosta de soltar o verbo e dar luz a ideias que geram tanto aventuras como confusões entre o grupo e os demais habitantes do castelo. Adora contar vantagem para cima de Pedro, insinuando ser mais madura que ele por ser mulher.
Pedro	Luciano Amaral	É o menino mais velho da turma. Pedro é, como sua aparência demonstra, um pouco mais sério e intelectual que seus amigos. Sempre com boas ideias para brincadeiras ou para exercer sua própria criatividade, Pedro praticamente torna-se líder do grupo na ausência de Nino.
Gato Pintado	Fernando Gomes (manipulador)	É o responsável pela biblioteca. É

	do boneco)	apaixonado pela arte escrita e costuma passar seu tempo lendo os livros que tanto gosta ou narrando os mesmos na biblioteca de forma rígida. É um dos personagens mais inteligentes da série e é sempre procurado quando Nino ou os outros estão em alguma situação complicada.
Mau	Cláudio Chakmati (manipulador do boneco)	É uma criatura roxa que habita os encanamentos do castelo, seus passatempos envolvem mostrar que ele é mau como diz seu nome, mas aparentemente não tem muito sucesso porque no fundo, ele é um monstro com um coração. É o melhor amigo de Godofredo e eles mesmos não sabem que tipo de criatura eles são.
Godofredo	Álvaro Petersen Jr. (manipulador do boneco)	Monstro parecido com uma ratazana, (outros pensam que ele seja um Elfo). Diferente de Mau, ele tem uma personalidade mais amigável. Ele é brincalhão e muito engraçado e vive nos encanamentos do castelo.
Celeste	Álvaro Petersen Jr. (manipulador do boneco)	Uma cobra cor-de-rosa que habita a árvore do castelo, ela é geniosa e um tanto egoísta às vezes, mas nunca chega a ser violenta como suas contrapartes do mundo animal. É um tanto mandona, o que diversas vezes causou problemas a Nino e seus amigos. Porém, em outras situações se mostra uma personagem leal.
Porteiro	Cláudio Chakmati (manipulador	Ser mecânico que atua como

	do boneco)	porteiro do castelo, só permitindo a entrada para quem puder seguir instruções de suas Senhas do Dia: Desafios aeróbicos, adivinhações e quebra cabeças. Sempre que seu enigma é desvendado ele diz: "Klift Kloft Still, a porta se abriu!".
Relógio	Fernando Gomes (voz do personagem)	Localizado no hall de entrada, Relógio tem orgulho de sempre ser muito preciso e tem como obrigação exclaimar para todos quaisquer horários importantes, tal como a hora de ir embora, ou a hora de Morgana contar suas histórias. Fiel escudeiro de Dr. Victor, sempre avisa quando esse está a chegar no castelo, geralmente à noite.
Tap e Flap	Theo Werneck e Gérson de Abreu (vozes dos personagens)	Irmãos gêmeos, são um par de botas com óculos escuros que sempre falam rimando um com o outro. Alegam terem sido encontrados pelo Nino e trazidos para morar no castelo em certo episódio. Houve rumores de que eram hippies e que usam óculos para esconder a falta de olhos. Tap é aparentemente o mais sossegado e tímido; Flap é o mais descolado e despojado, tendo uma voz e um jeito de falar semelhante aos de um roqueiro.
Fura-bolos	Fernando Gomes (voz do personagem)	É um dedo falante. Aparece sempre dando conselhos aos habitantes do Castelo, sempre na hora do almoço. Também lembra a todos a hora de lavar as mãos. Ele sempre puxa o quadro Dedolândia.

Ratinho	Marcos Magalhães (animação)	Morando em um buraco de rato com garagem, Ratinho pode ser visto cantando pneu pelo castelo em seu Ratomóvel, indo direto para seu buraco e dando início a alguma situação. Ele não costuma interagir com os demais personagens, sendo que somente aparece para eles em seu Ratomóvel, e nunca fora dele. O quadro do ratinho é o mais marcante e mais lembrado entre os demais pelos fãs do seriado. Foi feito com animação de bonecos de massa modelável.
Adelaide	Luciano Ottani (manipulação do boneco)	Gralha de estimação de Morgana. Morgana afirma que encontrou ela ainda filhote, abandonada pela mãe por ser capaz de falar. Adelaide é um tanto infantil às vezes, brigando com pessoas por não darem atenção para ela ou por não poder fazer as coisas como quer, prontamente ganhando de Morgana uma lição de história referente ao tema. Também interage com outros personagens, como Nino e os outros.
João de Barro e as Patativas	Dilmah Souza e Ciça Meirelles (a cada episódio um músico de vestia de João de Barro)	Três passarinhos que moram juntos num ninho de João-de-barro num galho alto da árvore da Celeste.
Radialista	Cláudio Chakmati (voz do personagem)	Boneco de um locutor de rádio, seu quadro é exibido apenas após o quadro das fadas. um quadro mais raro, em que elas ligam o rádio e o locutor exhibe trechos de um grupo musical

		efetuando uma música de estilo variado, indo de coral até samba moderno.
Planta Carnívora	João Ferreira (manipulação do boneco)	Flor que mora em um vaso na entrada da sala de música. Ela não fala e raramente interage com os outros personagens. Sempre morde o dedo das pessoas que tentam passar a mão nela.
Felizbeto	João Ferreira	É um projetor de cinema antigo (provavelmente um modelo dos anos 1930 ou 40) que mora no quarto da Dona Morgana. Ele nunca fala nada, nem interage com os demais personagens, tendo como única função transmitir filmes. Aparece com pouca frequência.
Telekid	Marcelo Tas	Rapaz com roupas coloridas e um aparelho ultra tecnológico, que responde às perguntas dos personagens. Sempre aparece quando Zequinha não entende alguma situação e começa a lançar seu bordão: “Por quê?” repetidas vezes até que alguém se irrita e diz a frase clássica “Porque sim, Zequinha.” Apesar disso, raramente Telekid aparece para responder às dúvidas de outros personagens.
Livro Falante	João Ferreira (voz do personagem)	Livro que fica no quarto de Morgana, com o qual ela interage quando precisa acionar suas poções e técnicas de magia. Há também diálogo entre ambos quando Morgana relembra fatos de histórias marcantes. Raramente aparece.

Fonte: Wiki Castelo Ra Tim Bum

*Quadro 3 - Ficha técnica dos quadros pedagógicos*

<b>Quadro</b>	<b>Descrição</b>	<b>Atores</b>	<b>Direção</b>	<b>Roteiro</b>	<b>Trilha sonora</b>
Tíbio e Perônio	Dois irmãos gêmeos e cientistas dão às crianças conceitos sobre saúde, corpo humano e ciências.	Flávio de Souza e Henrique Stroeter	Hugo Prata	Flavio de Souza	Hélio Ziskind
Porque Sim Não é Resposta	Saído de dentro de um computador, o menino Telekid tenta dar respostas às perguntas de Zequinha.	Marcelo Tas	Marcelo Tas, Arcângelo Mello Júnior e Ney Marcondes	Marcelo Tas	Hélio Ziskind
Como se faz?	Vídeos curtos mostram como objetos diferentes, como guarda-chuva, disco e tijolo, são fabricados.	-	Renato Fernandes e Philippe Barcinski	Wandi Doratiotto	Wandi Doratiotto
Lavar as Mãos	Clipe que incentiva as crianças a praticarem a higiene pessoal.	-	Eduardo "Xocante" de Barros	-	Arnaldo Antunes
Marionetes	Quadro que mostra, com músicas e danças típicas, um pouco da cultura de diversos países ao redor do mundo.	Manoel Kobachuk e Eduardo Dal Molin	Renato Fernandes	-	Luiz Macedo
Morgana	Herdado do <i>Rá-Tim-Bum</i> , o quadro da Bruxa Morgana conta a história de 6 mil anos da civilização humana, com uso de bonecos, fantoches e recursos audiovisuais.	Rosi Campos e Luciano Ottani	Eliana Fonseca	Claudia Dalla Verde, Victor Navas e Fernando Bonassi	-
Mau e Godofredo	Com enigmas verbais, trava-línguas e curiosidades, Mau e Godofredo têm a missão de ensinar língua portuguesa e raciocínio lógico às crianças.	Álvaro Petersen Jr. e Cláudio Chakmati	Renato Fernandes	Claudia Dalla Verde	Lulu Camargo
Dedolândia	Onze dedos cantores fazem operações	Marcos Bertoni	Renato Fernandes	-	Fernando Salem

	matemáticas ao som do <i>rockabilly</i> criado por Fernando Salem, exibindo contas de somar, dividir e subtrair.	(animação)			
Cabine	Quadro gravado em locações externas, com opiniões de crianças sobre o que acontece no <i>Castelo</i> .	-	-	-	-
Som dos Quadros	Quadros de arte famosos são compostos pouco a pouco com os elementos que os compõem, com ajuda de computação gráfica.	-	-	-	Fabio Golfetti
Esportistas Mirins	O quadro traz crianças fazendo movimentos diferentes e praticando esportes.	-	Regina Rheda, Christiano Metri e Fernando Coster	-	Fernando Salem, Ná Ozzetti, Vange Leonel, Theo Werneck, Maurício Pereira e Virginia Rosa
Poesias Animadas	Catorze animações diferentes mostram às crianças poesias da literatura brasileira, lidas pelos personagens do <i>Castelo</i> .	Kiko Mistrorigo e Célia Catunda (Animação)	-	Arnaldo Antunes, Vinicius de Moraes, Manuel Bandeira, Paulo Leminski, Ferreira Gullar e Cecília Meireles (Poesias)	Paulo Tatit e Sandra Peres
Músicas do Mundo Todo	Com uma máquina criada pelo Dr. Víctor, as crianças podem conferir símbolos típicos de diferentes países ao redor do globo terrestre.	Arnaldo Galvão, Flávio Del Carlo e Ricardo Dantas (Animação)	-	-	André Abujamra
Mãos Pintadas	Com mímica, as mãos pintadas mostram às crianças diferentes animais, de modo que elas mesmas possam	Alberto Gauss	Renato Fernandes	-	Paulo Tatit e Sandra Peres

	imitar o quadro em casa.				
Mãos Pintadas	Com mímica, as mãos pintadas mostram às crianças diferentes animais, de modo que elas mesmas possam imitar o quadro em casa.	Alberto Gauss	Renato Fernandes	-	Paulo Tatit e Sandra Peres
Bailarinos	A fim de despertar na criança a vontade de se mexer, o quadro mostra bailarinos nos mais diferentes ritmos musicais.	Suzana Yamauchi (Coreografia)	Anna Muylaert	-	Luiz Macedo
Comentam Quadros	A cada programa, um quadro novo despontano hall do <i>Castelo</i> , que é comentado pelo trio de crianças, com o objetivo de mostrar o universo das artes plásticas para os espectadores.	Luciano Amaral, Cinthya Rachel e Fredy Allan	-	-	-
Instrumentos	Diferentes músicos exibem no ninho do <i>Castelo</i> o som de vários instrumentos, mostrando à criança que o som pode ensinar.	Dilmah Souza e Ciça Meirelles	Renato Fernandes	-	Hélio Ziskind
Curumins	Narradas pela Caipora, as histórias dos curumins recuperam lendas indígenas brasileiras, mostrando a relação dos índios com a natureza.	Jonatas Martim e Luan Ferreira. Patricia Gasppar (narração)	Philippe Barcinski	Tacus	Paulo Tatit e Sandra Peres
Bichos	Em um quadro negro do <i>Castelo</i> , surgem animações com animais em diversas situações.	Jarbas Agnelli (animação)	-	-	Jarbas Agnelli e André Abujamra
Pintor	Mais um quadro do <i>Castelo</i> que busca estimular o interesse das crianças por artes plásticas.	Rui Amaral e Jejo Cornelsen	Renato Fernandes	-	Rodolfo Stroeter
Circo	Mostra crianças	Projeto	Regina	-	-

	fazendo números circenses, como contorcionismo, malabarismo e cama elástica.	Enturmando da Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social do Estado de São Paulo	Rheda		
Ratinho	Quadro que mostra um ratinho bem-humorado tomando banho, reciclando lixo ou escovando os dentes, buscando incentivar o cuidado com a higiene pessoal nas crianças.	Marcos Magalhães (animação)	-	-	Hélio Ziskind
Músicos Mirins	Exibe crianças tocando instrumentos musicais diversos em orquestras, corais e fanfarras.	-	Renato Fernandes	-	-
Pentagrama	Bailarinos dançam como se fossem notas vivas em uma partitura, tentando mostrar à criança que nem sempre o estímulo visual é o que vai lhe ensinar sobre aspectos do mundo.	Renato Fernandes	-	-	Hélio Ziskind
O Desenhista Mágico	Desenho que vai se formando enquanto uma locução em <i>off</i> se pergunta o que o desenho poderia vir a ser, em um exercício de percepção visual.	Flávio Del Carlo, Arnaldo Galvão e Ricardo Dantas (animação)	-	-	Luiz Henrique Xavier
Geometria	Dentro de uma caixa preta, formas geométricas bidimensionais e tridimensionais transformam-se em objetos do cotidiano da criança.	Flávio Del Carlo (animação)	-	-	-

Fonte: adaptado de CAPELAS, 2019, p. 217-21.